



**Religião e política na Igreja Universal do Reino Deus:
a mobilização das pautas de gênero e sexualidade no jornal Folha
Universal (2018 e 2022)**

Religion and politics in the Universal Church of the Kingdom of God:
mobilization of gender and sexuality agendas in the Folha Universal
newspaper (2018 and 2022)

Deivit Henrique da Silva Leite¹

Fabício Roberto Costa Oliveira²

Bruna Nogueira Maia³

Resumo: Este artigo analisa a maneira como o jornal “Folha Universal” mobilizou pautas de gênero e sexualidade nos anos eleitorais de 2018 e 2022. Trata-se de um jornal que pertence à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em que motivações religiosas e políticas se entrelaçam, de maneira destacada, em contextos de disputas eleitorais. Como foram eleições pautadas na “moralidade”, focamos nossa análise nos posicionamentos sobre gênero e sexualidade. Nossa pesquisa revela que, em 2018, a “ideologia de gênero” foi um dos temas mais mobilizados, produzindo pânico moral que apontava para uma ameaça iminente às crianças, à instituição familiar, à liberdade religiosa e à educação; em caso de vitória da esquerda. Nas eleições de 2022, o periódico relacionou de maneira objetiva a “ideologia de gênero” e as pautas feministas e LGBTQIAPN+, ao Partido dos Trabalhadores (PT) e à esquerda, adotando um discurso de demonização desses atores políticos. Em ambas as eleições, a posição adotada pelo jornal colocou a IURD como uma das principais aliadas de Bolsonaro, principalmente no que diz respeito à posição sobre os temas, aos inimigos políticos em comum e à defesa do voto alinhado à direita política.

Palavras-chave: Religião. Política. Gênero. Sexualidade. IURD.

Abstract: This article analysis how the newspaper “Folha Universal” mobilized gender and sexuality agendas in the electoral years of 2018 and 2022. The newspaper belongs to the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG), where religious and political motivations intertwine prominently in electoral dispute contexts. Since the elections

¹ Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). E-mail: deivit.leite@ufv.br

² Professor da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutor em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: fabriciooliveira@ufv.br

³ Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Bolsista de Iniciação Científica pelo Sicoob/UFVCredi. E-mail: bruna.maia@ufv.br



were centered on "morality," we focused our analysis on stances regarding gender and sexuality. Our research reveals that, in 2018, the "gender ideology" was one of the most mobilized themes, producing moral panic that pointed to an imminent threat to children, the family institution, religious freedom and education, in case of a left victory. In the 2022 elections, the newspaper objectively linked "gender ideology" and feminist and LGBTQIAPN+ agendas to the Worker's Party (WP) and the left, adopting a discourse demonizing these political actors. In both elections, the position adopted by the newspaper positioned the UCKG as one of Bolsonaro's main allies, especially concerning their positioning on the themes, common political enemies, and advocating for votes aligned with the political right.

Keywords: Religion. Politics. Gender. Sexuality. UCKG.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise da maneira como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) mobilizou narrativas acerca dos temas de gênero e sexualidade nos anos eleitorais de 2018 e 2022. A hipótese é de que esses temas tenham sido corriqueiros durante os períodos eleitorais, uma vez que a moralidade foi pauta relevante nas duas eleições presidenciais. Nossa fonte de pesquisa é o jornal semanal da IURD, o periódico "Folha Universal".

Os discursos relacionados à moralidade foram frequentes nas últimas eleições, em especial para a candidatura de Bolsonaro. Uma das pautas de sua candidatura era a defesa da "família tradicional" e o combate à "ideologia de gênero"⁴. Esses discursos favoreceram a aproximação com grupos mais conservadores e diversas parcelas de instituições religiosas. O discurso adotado pela direita criou uma narrativa ideológica que reforçava a necessidade de um governo que fosse fiel aos interesses de uma maioria cristã (Mariano, Gerardi, 2020).

A presença da religião na esfera pública e política não pode ser ignorada, pois ela se dá de forma diversificada, de tal modo que "os atores religiosos movimentam-se e trazem a público sua linguagem, seu *ethos*, suas demandas, nas mais diversas direções" (Burity, 2008, p. 84). As religiões neopentecostais se destacam por um significativo

⁴ Entre os pânicos produzidos durante a campanha de Jair Bolsonaro, destacam-se principalmente o fim da família aos moldes tradicionais – heteronormativos e cristãos – e o estabelecimento de uma ditadura da "ideologia de gênero" capaz de impor novos conceitos para família, gênero e sexualidade. São pânicos comumente atrelados aos avanços nos direitos reprodutivos, direitos matrimoniais para sexualidades divergentes e a ampliação da noção de que se define enquanto família.



processo de midiaticização da religião, que intensificou a atuação religiosa no campo político e elevou a visibilidade de suas convicções políticas. Este processo garantiu novos espaços às instituições como sujeitos políticos, o que constitui “fator importante para a compreensão das linhas de força presentes na democracia” (Martino, 2017, p. 62).

Entre as instituições neopentecostais⁵, a Igreja Universal do Reino de Deus⁶ é uma das igrejas com maior ênfase e presença diversificada na mídia, devido ao grande número de fiéis, a capilarização em todo território nacional, a forte participação política e o investimento massivo em meios de comunicação. Segundo Mariano (2014), um fator importante para a expansão e o sucesso iurdiano é o investimento em meios de comunicação. Para além dos cultos nos templos, a instituição também investiu vigorosamente, desde sua abertura, no proselitismo através dos meios de comunicação, como jornal, rádio e televisão (tendo em vista a compra da Rede Record de Rádio e TV, em 1989), o que permitiu a atração de fiéis para suas igrejas.

Embora a mídia iurdiana seja fundada na ilusão de ser um instrumento neutro perante interesses econômicos, ideológicos e políticos, devido à ausência de propagandas comerciais, podemos compreendê-la como “uma imensa máquina narrativa da dor, das emoções, da espetacularização do sofrimento, dos medos ancestrais e das forças perseguidoras do mal” (Carranza, 2013, p. 542). Assim, influencia visões de mundo e dão sentido religioso às influências políticas.

⁵ O neopentecostalismo, sendo a terceira onda do pentecostalismo, caracteriza-se por presença de traços sectários, uma forte propensão à adaptação ao mundo, envolvimento na política partidária e pelo intenso uso da mídia eletrônica (Mariano, 2014). Essas mudanças consolidaram transformações surpreendentes nos padrões de valores e estética, afetando o comportamento e o relacionamento desses religiosos com a sociedade. Ademais, essa terceira onda desencadeou transformações significativas no cenário político brasileiro, devido justamente às alterações no comportamento dos agentes que, até então, rejeitavam a busca por bens materiais e se apoiavam em características tradicionais de religião sectária e ascética.

⁶ A Igreja Universal do Reino de Deus é uma instituição religiosa neopentecostal fundada em 1977, que de uma pequena igreja evangélica na zona norte do Rio de Janeiro tornou-se um verdadeiro império, com um crescimento institucional sem precedentes. De acordo com Mariano (2014), entre 1980 e 1989, o número de templos cresceu 2.600% e na década de 1990 já estavam presentes em todos os estados brasileiros. Atualmente, a IURD encontra-se em mais de 100 países, espalhados por todos os continentes. Disponível em: <https://sites.universal.org/universal40anos/artigo/34-a-universal-no-pais-mais-populoso-do-mundo>. Acesso em: 20/02/2024.



Por meio de uma linha editorial tendenciosa, em que os bispos exercem grande pressão sobre o conteúdo do jornal (Rocha, 2006), a IURD pode ser definida como uma denominação central nas discussões sobre a agência religiosa nos meios de comunicação (Teixeira, 2016), principalmente por esconder, por meio de seus processos implícitos de comunicação, a capacidade de “de acionar estoques culturais, ressignificar tradições, conectar-se com referências simbólicas, concatenar simbolicamente todas as mensagens espalhadas nos conteúdos transmitidos e reunificar crenças, valores e estilos de vida” (Carranza, 2013, p. 546).

Através de sua rede de comunicações⁷, a instituição teve, nas eleições de 2018 e 2022, uma importante atuação política, principalmente no que diz respeito ao apoio da candidatura da figura de Jair Bolsonaro e pautas de direita que apelavam a uma maioria cristã. O discurso bolsonarista foi muito marcado pela adesão a pautas religiosas evangélicas⁸ e, ao mesmo tempo, apelando para temas que transportavam a disputa política para a esfera moral (Mouffe, 2015), dentre os quais nos interessa aqueles relacionados à família e à moral sexual cristã.

Neste sentido, partiremos do entendimento de que o gênero se tornou uma nova clivagem política e eleitoral (Biroli; Vaggione; Machado, 2020), acionada na disputa moral, para analisarmos a forma como o jornal articulou o tema no contexto eleitoral, utilizando-o como catalisador de ganho político.

Nosso artigo se organiza em outros quatro tópicos: o primeiro tem como objetivo detalhar a metodologia empregada à pesquisa; o segundo apresenta a reflexão sobre a atuação da mídia da Universal em 2018; o terceiro se aprofunda nos jornais publicados em 2022; o quarto tópico apresenta nossas considerações finais e traça um comparativo entre os períodos analisados.

⁷ Atualmente, a Universal concentra seus programas na televisão, mas também se adaptou às redes sociais como Instagram e Facebook, além de possuir uma plataforma de streaming própria, a Univer Vídeo, que contém filmes cristãos, séries, palestras, além de transmitir eventos ao vivo do Templo de Salomão, a sede da igreja em São Paulo (Teixeira, 2016).

⁸ Estas realçaram a identidade cristã de Bolsonaro e assim legitimaram sua candidatura como um “líder escolhido por Deus”, isto é, na ideia de que ele seria “cidadão de bem”, “cristão”, “defensor da família” etc. (Lopes; Fulaneti, 2022).

Metodologia de pesquisa

O principal material empírico deste trabalho foi o jornal Folha Universal⁹, publicação semanal da Universal. Trata-se de um dos principais órgãos de posicionamento da IURD em relação aos eventos semanais. Ele possui conteúdos informativos sobre assuntos religiosos e seculares, sendo facilmente acessado por fiéis e pela população em geral, visto que além da distribuição gratuita, seu conteúdo fica disponível no portal da denominação na internet¹⁰, além de ser um importante instrumento de evangelização da Igreja Universal, devido ao caráter proselitista¹¹.

O periódico se caracteriza como o órgão oficial em que a IURD propala suas visões de mundo e concepções políticas de forma mais enfática. A razão disso está na ausência de publicidades externas, ou seja, o noticiário é totalmente financiado pela igreja, o que garante autonomia e independência em relação aos conteúdos (FRANCO, 2022).

Outro fator que baliza a escolha do jornal é a ampla abrangência do periódico, com uma média de tiragem semanal de um milhão e oitocentas mil cópias. É um jornal que tem potencial de influenciar visões de mundo, uma vez que compreendemos a mídia e os meios de comunicação (jornais e revistas impressos, rádio, televisão etc.) como um complexo instrumento pedagógico (FISCHER, 2002).

Isto posto, o artigo analisa as 14 edições do jornal Folha Universal, publicadas nos anos de 2018 e 2022, nas quais os temas de gênero e sexualidade estiveram presentes. Identificamos as edições que tratavam do tema após a leitura de todos os jornais publicados em ambos os anos.

Este recorte nos possibilitou compreender como o jornal foi utilizado pela IURD para se posicionar em relação à disputa entre os principais candidatos à presidência, Jair

⁹ O jornal completou 32 anos de sua primeira edição em 2024, datada de em 15 de março de 1992.

¹⁰ Os conteúdos encontrados nos jornais são replicados e ficam disponíveis no site da denominação. Disponível em: <https://www.universal.org/folha-universal/>. Acesso em: 12/03/2024

¹¹ A importância do veículo é reconhecida pela própria instituição ao afirmar que “a Folha Universal é uma das principais e mais importantes ferramentas de evangelização utilizadas pela Igreja”. Disponível em: <https://sites.universal.org/universal40anos/artigo/24-a-missao-da-folha-universal>. Acesso em: 13/02/2024.



Bolsonaro (2018 e 2022), um candidato que se considera de direita e conservador, e Fernando Haddad (2018) e Lula (2022), considerados representantes da esquerda.

Nossa leitura ainda foi organizada segundo o cronograma eleitoral de cada ano. Em 2018, o cronograma eleitoral teve início em 16 de agosto, com o primeiro dia de eleições (primeiro turno) no dia 7 de outubro e o segundo turno, no dia 28 de outubro. Em 2022, este também iniciou no dia 26 de agosto, com primeiro turno no dia 2 de outubro e segundo turno no dia 30 de outubro.

Selecionamos quatro períodos de tempo para compor nosso estudo: a fase “Pré-eleitoral” contém as edições publicadas anteriormente ao início do período eleitoral (ou seja, de janeiro a 16 de agosto), o “1º turno” aquelas publicadas a partir do primeiro dia do calendário eleitoral até o primeiro dia de votações, o “2º turno” as publicações que ocorreram entre o primeiro e o segundo dia de votações e, por fim, o “Pós-eleitoral” diz respeito às edições publicadas após o segundo turno.

A pesquisa pauta-se pela utilização de métodos qualitativos e quantitativos. Do ponto de vista qualitativo, a metodologia utilizada foi a leitura de cada uma das unidades em que fizemos um fichamento das matérias que estão relacionadas às temáticas propostas, gênero e sexualidade. Algo que consiste numa análise documental, isto é, “uma série de operações que visam estudar e analisar um ou vários documentos para descobrir as circunstâncias sociais e econômicas com as quais podem estar relacionadas” (Richardson, 1985, p.182) às questões propostas pela pesquisa. Buscamos ler e analisar cada uma das edições, para identificar as matérias relacionadas às identidades sexuais divergentes, sexualidades ameaçadoras, ideologia de gênero, modelo normativo de família, escola sem partido e kit gay.

Relacionados aos aspectos quantitativos, fizemos um quadro para cada edição em que foram quantificados quantas vezes esses assuntos foram tratados ao longo do ano e em quais meses se concentraram. A seleção das matérias ocorreu após a leitura e síntese dos conteúdos encontrados e devem cumprir o papel de sintetizar o pensamento iurdiano em relação aos temas.

Nos tópicos subsequentes aprofundamos a análise dos jornais a fim de verificar como argumentos religiosos e políticos estiveram relacionados aos temas propostos como foco do artigo.



A centralidade da Ideologia de Gênero no discurso da Folha Universal em 2018

Em 2018, identificamos as sete edições em que matérias com os temas gênero e sexualidade estavam presentes (Ed. 1366, 1376, 1379, 1380, 1381, 1388, 1389)¹², nas quais a discussão central girava em torno da “ideologia de gênero”.

Naquele ano, a novidade na disputa pela presidência era Jair Bolsonaro, que embora estivesse em seu sétimo mandato como Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, era um político cuja relevância e notoriedade se dava mais por suas polêmicas em programas de televisão e na internet do que por conta de seu trabalho no legislativo.

Devido aos controversos casos de corrupção durante os primeiros governos do Partido dos Trabalhadores (PT) (2003-2016), o agravamento da crise política e econômica, o *impeachment* sofrido por Dilma (Singer, 2018), bem como o crescimento do antipetismo no país e o desejo de “renovação política”, a figura de Bolsonaro surgiu fortemente calcada em um discurso antipolítico, contra a corrupção, patriótico, pró-família e, especialmente, marcado pela adesão a pautas religiosas evangélicas.

Com o lema de campanha “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”, a candidatura de Bolsonaro ganhou apoio de algumas lideranças e instituições evangélicas – dentre as quais a IURD se destaca. Realçando a identidade cristã de Bolsonaro, as instituições legitimaram sua candidatura, apontando-o como um “líder escolhido por Deus”, isto é, na ideia de que ele seria “cidadão de bem”, “cristão”, “defensor da família” etc. (Lopes; Fulaneti, 2022).

A aproximação entre os atores religiosos e não religiosos, tal qual o caso das instituições evangélicas e de Jair Bolsonaro, pode ser compreendida como representação do movimento *neoconservador*, que se qualifica enquanto conceito por tornar claro e compreensível as alianças e afinidades entre diferentes setores (no momento político atual), mas também por ter entre suas principais características a acentuada juridificação da moralidade (Biroli; Vaggione; Machado, 2020).

Na Universal, esta aproximação se deu através da declaração de apoio pelo Bispo Edir Macedo às vésperas da eleição¹³ e a aproximação do candidato com os meios

¹² As datas, títulos e páginas das matérias lidas nessas edições são apresentadas no quadro da página 9.

¹³ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/eleicoes/edir-macedo-declara-apoio-a-bolsonaro/>. Acesso em: 18/03/2024.



de comunicação iurdianos, de maneira que passou a conceder entrevistas exclusivas à Rede Record¹⁴.

Por meio da Folha Universal, a denominação anunciou seu candidato somente após o primeiro turno, porém, consolidou ao longo de todo ano sua inclinação à direita e revelou anseios que conectaram o discurso iurdiano ao discurso bolsonarista – reforçaram a necessidade de “renovação política” e a necessidade de eleger candidatos que estivessem alinhados aos princípios cristãos (Oliveira; Martins, 2021).

Entre esses princípios, a moral sexual cristã destaca-se como um dos elementos que gradativamente passou a ocupar a política nacional. Embora questões de gênero e sexualidade não sejam as únicas que se destacaram no processo de fortalecimento da direita no Brasil, Santos (2020) demonstra que os temas se tornaram um objeto importante de disputa na Câmara dos Deputados e nas eleições presidenciais.

Dois marcos relevantes para o tema na política institucional (Santos, 2020) foram a criação do Programa Brasil sem Homofobia¹⁵, em 2004, e a discussão sobre o Plano Nacional de Educação (PNE) que ocorreu principalmente entre 2010 e 2014, quando foi sancionado pela então presidenta Dilma Rousseff (De Souza, 2014). Ambos os casos propunham a implementação de ações educacionais que combatessem as desigualdades educacionais e discriminação nas escolas – isto é, as desigualdades e discriminações racial, regional, de gênero e de orientação sexual.

Não obstante, tanto o Programa Brasil sem Homofobia quanto o PNE, foram alvos de deputados católicos e evangélicos (De Souza, 2014; Santos, 2020). Eles se mobilizaram e adentraram o debate com o forte discurso de que eles ajudariam a difundir a “ideologia de gênero” nas escolas”. De acordo com Sandra Duarte de Souza (2014, p. 199), o argumento dos deputados durante a discussão do PNE possuía tom “profético” e “escatológico” e afirmava que “a ‘família natural’ estaria ameaçada pela imposição de uma ‘ideologia de gênero’ que ameaçaria o sistema educacional brasileiro, algo que estaria diretamente relacionada ao projeto de deflagrar uma ‘revolução socialista’”.

¹⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/entrevista-de-bolsonaro-na-record-sela-aproximacao-do-candidato-com-a-universal.shtml>. Acesso em: 18/03/2024.

¹⁵ O programa passou a ser conhecido nos veículos de comunicação da direita como “kit gay”.



A partir desse contexto a “ideologia de gênero” tornou-se gradativamente mais pautada nos discursos de deputados e, posteriormente, de Jair Bolsonaro nas campanhas à presidência. Em 2018¹⁶, na disputa contra o petista Fernando Haddad, Bolsonaro criticou veementemente o “kit gay”¹⁷ e a “ideologia de gênero” (Miguel, 2021), que seriam responsáveis por “erotizar crianças”¹⁸ nas escolas – recorrer a estes temas fez com que a disputa política fosse transportada à esfera moral (Mouffe, 2015).

Nessas eleições, a Igreja Universal do Reino de Deus teve uma importante atuação política através jornal Folha Universal, sobretudo no que diz respeito ao apoio das pautas de direita, que apelavam a uma maioria cristã, que culminou em apoio explícito a Bolsonaro após os resultados do primeiro turno (Oliveira; Martins, 2021).

As sete edições da Folha Universal que trabalharam com os temas de gênero e sexualidade, em 2018, eram particularmente críticas aos avanços institucionais conquistados pelas lutas de feministas e da comunidade LGBTQIAPN+. A publicação utilizou principalmente da produção do pânico moral atrelado a Ideologia de Gênero, argumentando sobre o caráter prejudicial no desenvolvimento cognitivo de crianças, a implementação de uma ditadura do gênero, cujo responsável político era a esquerda, o que demonstrava uma ameaça não somente às famílias, mas também aos cristãos. O debate também circundou acerca da importância da educação neste contexto e sobre a necessidade de lutar pela suposta neutralidade da escola (Escola Sem Partido).

Baseado na ameaça aos valores e interesses sociais, o conceito de pânico moral é importante para nossa pesquisa devido a sua particular relação com a mídia, bem como por se traduzir enquanto um reprodutor do senso comum e por representar a forma que certos grupos utilizam para buscar projeção aos seus interesses e reivindicações (Machado, C., 2004). Carla Machado (2004, p. 75) aponta que é necessário analisarmos

¹⁶ Outra estratégia muito utilizada pela direita na campanha de Bolsonaro foi acionar o pânico moral, de modo que deslegitimasse a esquerda, caracterizando-a como “destruidora de famílias”, “ameaça à democracia” e acusando-a de ter “Cuba como referência”, de “querer transformar o Brasil em uma Venezuela”, de “erotizar crianças em escolas”, dentre outras acusações proferidas diretamente por lideranças evangélicas e pelo candidato Jair Bolsonaro (Balieiro, 2018; Miguel, 2021).

¹⁷ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html. Acesso em: 20/06/2023.

¹⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/bolsonaro-dissemina-fake-news-e-afirma-que-criancas-eram-ensinadas-a-fazer-sexo-a-partir-de-6-anos-de-idade-nas-escolas.ghtml>. Acesso em: 20/06/2023.

outras três importantes questões, sendo elas o apoio social, os agentes catalisadores e a relação com a estrutura sociopolítica, isto porque, para a autora, a natureza que o discurso de pânico moral assume é essencialmente performativa, localizada e transitória, de modo que o objetivo a ser alcançado pelo interlocutor é a visibilidade e a voz pública.

Desta maneira, embora atribua-se ao pânico moral caráter imediato, devemos avaliá-lo enquanto uma “forma comunicacional endêmica na nossa sociedade, apresentando intensificações em locais e momentos específicos, a propósito de temas particulares” (Machado, C., 2004, p. 76), de maneira que “tais intensificações podem resultar da ação de grupos de interesse que tentam adquirir projecção e ‘voz’ pública pela dramatização das suas reivindicações” (Machado, C., 2004, p. 76), principalmente através de veículos midiáticos.

Isto posto, apresentamos o quadro a seguir, no qual organizamos as informações das edições cujos temas de gênero e sexualidade foram pautados:

Quadro 1: As edições que abordaram os temas gênero e sexualidade no ano de 2018.

Edição	Data	Período	Seção	Título	Argumentação do jornal
1366	17/06/2018	Pré-eleitoral	Editorial (p. 03)	“Não basta ter liberdade de culto, é preciso expressar a fé sem impedimentos”	Define a proliferação da Ideologia de Gênero enquanto um ataque à família, à liberdade de culto e aos cristãos.
1376	26/08/2018	1º turno	Panorama (p. 10)	“Novela para adolescentes promove ideologia de gênero”	Difunde a Ideologia de Gênero como ameaça à infância e ao desenvolvimento cognitivo das crianças.
1379	16/09/2018	1º turno	Editorial (p. 03)	“A ditadura da ideologia de gênero”	Produz pânico moral afirmando que a ditadura da Ideologia de Gênero ameaça as famílias e o desenvolvimento de crianças.



1380	23/09/2018	1º turno	Panorama (p. 10)	“Roupas para MENINOS e MENINAS podem estar com os dias contados”	Produz pânico moral afirmando que a ditadura da Ideologia de Gênero causa distúrbios em crianças.
1381	30/09/2018	1º turno	Capa (p. 1, 16-19)	“Por que 7 de outubro será o dia das crianças?”	Afirma que a Ideologia de Gênero causa transtornos em crianças e por isso era importante verificar se os candidatos estavam alinhados à moral cristã.
1388	18/11/2018	Pós-eleitoral	Editorial (p. 03)	“Respeito sim, doutrinação nas escolas não”	Afirma que a Ideologia de Gênero nas escolas causa distúrbios em crianças e são os pais, não os professores, os responsáveis por definir o que seus filhos irão aprender sobre o tema.
1389	25/11/2018	Pós-eleitoral	Editorial (p. 03)	“Escola Sem Partido e partido com escola: é claro que pode”	Defende a neutralidade escolar (Escola Sem Partido) em tempos de “doutrinação”, mas afirma que faculdades religiosas são positivas.

Fonte: Leite, D. H. S., Oliveira, F. R. C., Maia, B. N., p. 10-11, 2024.

Analisando a data em que as edições foram publicadas, nota-se que o tema foi abordado com maior frequência no período do 1º turno, com quatro edições abordando sobre gênero e sexualidade, enquanto o Pré-eleitoral tratou o tema uma vez e o Pós-eleitoral duas vezes. Durante o 2º turno nenhuma edição citou gênero e sexualidade de forma explícita. Percebe-se que o tema parecia ser mais relevante nas datas que



precederam a primeira votação, momento em que o bom desempenho do candidato Bolsonaro não era garantido com certeza, mesmo pelas pesquisas eleitorais.

No que diz respeito a nossa análise, encontramos no editorial edição 1366¹⁹ dois elementos constituintes da cosmologia iurdiana e que são constantemente utilizados como fonte para a crítica à Ideologia de Gênero: o discurso de perseguição aos evangélicos e à liberdade religiosa, e o estabelecimento de inimigos cujo objetivo é “dificultar o trabalho e impedir o crescimento dos evangélicos” (Mariano, 2014, p. 75)²⁰.

Nessa edição, a Folha Universal afirma que a proliferação da ideologia de gênero por parte da esquerda no Congresso é um ataque político não apenas aos cristãos, mas também à família – que representa sobretudo um dos pilares dos evangélicos e da moral sexual heteronormativa cristã. Para o periódico, embora exista liberdade de culto, o proselitismo evangélico tem sido alvo de depreciação pública e regulação política: ao mesmo tempo que professar a fé cristã em público tenha se tornado motivo de chacota, na esfera política as pautas progressistas feministas e da comunidade LGBTQIAPN+ (apresentadas por parte da esquerda no Congresso) avançaram em detrimento de outras que beneficiam os cristãos, fato que se comprova por meio da “formulação de cartilhas que fazem apologia à homossexualidade, transexualidade e bissexualidade” (Ed. 1366, p. 03)²¹ – isto é, o “kit gay”.

A argumentação desse editorial expressa o desejo iurdiano em não somente combater tais questões (amplificação do debate sobre gênero e sexualidade) no campo político, mas demonstra como elas são rigorosamente antagônicas à moral cristã. De acordo com Natividade e Oliveira (2009, p. 146), os temas de gênero e sexualidade estão presentes no discurso dos evangélicos conservadores em uma espécie de cruzada moral que se insere na cosmologia da batalha espiritual²² – de modo mais específico,

¹⁹ Edição publicada em 17 de junho de 2018.

²⁰ Os principais inimigos iurdianos são a Rede Globo, a mídia secular, a esquerda (especialmente o Partido dos Trabalhadores) e o comunismo (Mariano, 2014).

²¹ REDAÇÃO. Não basta ter liberdade de culto, é preciso expressar a fé sem impedimentos. **Folha Universal**. São Paulo, 17 jun. 2018. Edição 1366. v. 1366, p. 03, jun. 2018. Disponível em: <https://www.calameo.com/books/0007247970c4811c5dc43>. Acesso em: 18 mar. 2024.

²² A noção de batalha espiritual é parte fundamental e constitutiva da identidade iurdiana, uma vez que problemas e demônios aparecem para eles como sinônimos. Mais do que isso, segundo Mariano (2014: 114), Edir Macedo e a Igreja Universal acreditam que todos os males, crises, adversidades, doenças, misérias e todos os problemas da vida dos homens são causados por



para os neopentecostais, o combate à busca de direitos e inserção política pela comunidade LGBTQIAPN+ “é uma tentativa de derrotar a influência do demônio na Terra”.

A outra e principal maneira que a publicação iurdiana abordou os temas foi através da produção de um pânico moral que estabelecia a “ditadura da Ideologia de Gênero” enquanto uma ameaça à família e às crianças, sobretudo em seu desenvolvimento cognitivo, social e identitário, como demonstram as edições 1376²³, 1379²⁴, 1380²⁵, 1381²⁶ e 1388²⁷.

Nessas edições, há um esforço do jornal em caracterizar noções de gênero não somente como anticientíficas²⁸, mas também como antinaturais, criticando a ideia de que gênero seria um fator que se constrói social e culturalmente. Para o periódico, a “ditadura da Ideologia de Gênero” tem como objetivo impor suas ideologias de forma forçada a crianças e adolescentes por meio da televisão, redes sociais, peças de teatros e, principalmente, através da doutrinação nas escolas e livros didáticos.

Gerado no seio do discurso religioso católico e posteriormente adotado por evangélicos (Machado, M., 2018; Miskolci, Campana, 2017), o debate sobre “ideologia de gênero” notadamente passou a ser incorporado como “bode expiatório” na agenda política da direita, especialmente latino-americana (Biroli, Vaggione, Machado, 2020; Miguel, 2021).

demônios, isto é, por “espíritos destruidores”. Neste sentido, “creem que o que se passa no ‘mundo material’ decorre da guerra travada entre as forças divina e demoníaca no ‘mundo espiritual’” e “os seres humanos, conscientes disso ou não, participam ativamente de uma ou de outra frente de batalha” (MARIANO, 2014, p. 113).

²³ Edição publicada em 26 de agosto de 2018.

²⁴ Edição publicada em 16 de setembro de 2018.

²⁵ Edição publicada em 23 de setembro de 2018.

²⁶ Edição publicada em 30 de setembro de 2018.

²⁷ Edição publicada em 18 de novembro de 2018.

²⁸ Na edição 1379, o jornal traz “por meio de fatos científicos, e não percepções sociais”, isto é, recorre a legitimidade científica, a divulgação de “um estudo feito com primatas em que machos se comportam como machos, escolhendo brinquedos tidos tipicamente por masculinos; e as fêmeas os tipicamente femininos, o que revela que o gênero não depende do fator social nem cultural” (Ed. 1379, p. 03). A tentativa do jornal neste caso é de deslegitimar os estudos sociais sobre gênero, bem como caracterizá-los enquanto mentirosos. Fonte: REDAÇÃO. A ditadura da ideologia de gênero. **Folha Universal**. São Paulo, 06 set. 2018. Edição 1379, v. 1379, p. 03, set. 2018. Disponível em: <https://www.calameo.com/books/000724797cf0500b1de3a>. Acesso em: 18 mar. 2024.



Os ativistas religiosos contrários à “ideologia de gênero” nas escolas e no debate público destacam-se principalmente por se opor e repudiar os avanços sociais e institucionais conquistados por mulheres e a comunidade LGBTQIAPN+ (exemplos são os ligados aos direitos reprodutivos e matrimoniais, além de leis que visam combater e conscientizar sobre a homofobia), bem como estudos apresentados pelas teorias feministas e *queer* (Miguel, 2021) – justamente a posição adotada pelo jornal.

Segundo Judith Butler (2021), importante nome dos estudos em teoria *queer*, as noções relacionadas ao gênero – o que inclui aquelas relacionadas à identidade e ao próprio desejo sexual, isto é, à sexualidade – são indissociáveis das interseções políticas e culturais. Ao mesmo tempo, para esta perspectiva, a concepção de que há uma verdade em relação ao sexo é “produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes” (Butler, 2021, p. 44).

Quanto às definições para gênero e sexo, Judith Butler (2021) contesta e critica algumas das próprias definições comumente associadas aos termos. Para Butler (2021: 26) ambos os conceitos são elementos social e culturalmente construídos, isto é, “a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo”. O contrário também seria verdade:

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. (Butler, 2021, p. 27).

A teoria de Butler, bem como a própria autora, foram alvo de uma das principais estratégias utilizadas na campanha de Bolsonaro, isto é, a instrumentalização do pânico moral como uma “ferramenta para promover uma mobilização rápida, apaixonada e imune ao debate” (Miguel, 2021). Exemplo disso foram os protestos e agressão sofridos



por Butler em 2017, no Brasil, realizados por adeptos do “Escola Sem Partido”²⁹ – os protestos capitalizaram o medo e afirmavam que Butler era responsável pela doutrinação nas escolas.

A mobilização e a disputa destas pautas morais entre direita e esquerda configuram, segundo Chantal Mouffe (2015), como relações antagonísticas. Este antagonismo seria traduzido, segundo a posição pós-política, em uma disputa de inimigos absolutos, uma luta entre “nós” e “eles” pelo domínio moral.

Mouffe (2015, p. 75) define que nos casos em que as disputas políticas são determinadas por termos morais, e não políticos, as figuras que antes se enquadrariam como adversárias, tornam-se inimigas, de maneira que “a condenação moral substitui uma análise política adequada, e a resposta fica limitada à construção de um ‘cordão sanitário’ para pôr em quarentena os setores afetados” e “induz a considerar o ‘eles’ como ‘moral’, isto é, ‘inimigo absolutos’, favorecendo, assim, o surgimento dos antagonismos, que podem pôr em risco as instituições democráticas”.

Chantal Mouffe (2015, 73) demonstra que a moralização da política ainda revela outra fraqueza para a posição pós-política, trata-se do conveniente mecanismo do puritanismo dos bons sentimentos, que consiste em, através da delimitação das fronteiras entre o bem e o mal, “assegurar a própria bondade por meio da condenação moral do mal existente nos outros”.

A moralização da política revela-se também na Folha Universal a partir da importante relação do discurso contra a ideologia de gênero e com a educação nas edições 1388 e 1389³⁰, porque nelas a publicação enfatiza sua crítica contra a doutrinação nas escolas e defende a suposta neutralidade escolar justificada “na crença de que um Estado democrático seria perfeitamente neutro em relação a valores” (Miguel; Oliveira, 2020). Compreender a relação entre educação e Ideologia de Gênero é importante, como demonstram Santos (2020) e Biroli, Vaggione e Machado (2020), porque nos levam a gênese do debate político sobre a Ideologia de Gênero, desde o surgimento do Programa Brasil sem Homofobia em 2004, o tema se tornaria peça central para o fortalecimento direita nos anos posteriores.

²⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/filosofa-judith-butler-e-alvo-de-ofensas-em-aeroporto-de-sp-e-mulher-e-agredida-ao-defende-la.ghtml>. Acesso em: 15/04/2024.

³⁰ Edição publicada em 25 de novembro de 2018.

A Folha Universal reforçou a ideia de que havia uma iminente ameaça à liberdade religiosa e à educação – posição que colocou a IURD como uma das principais aliadas de Bolsonaro nessas eleições –, criticou e produziu um pânico moral sobre a Ideologia de Gênero e destacou a importância do voto cristão como a principal arma para combater a ideologia maléfica.

O pânico moral e a esquerda no discurso da Folha Universal em 2022

O contexto político em 2022 atingiu níveis de polarização superiores à 2018, tendo em vista que a disputa eleitoral que ocorreu naquele ano contava com a participação das duas figuras mais importantes para a direita e para a esquerda naquele momento, Jair Bolsonaro (PL) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), respectivamente. As eleições ocorreram sob a viva memória da crise petista e do conturbado governo de Bolsonaro, que “lidou” com a maior crise sanitária da história.

Uma importante característica da atuação iurdiana nas eleições de 2022 (Oliveira; Gracino Junior, 2023), que ocorreu de forma bastante expressiva, foi a centralidade do discurso moral em detrimento do discurso político. Embora em 2018 o jornal não escondesse a inclinação à direita, seu apoio explícito a Bolsonaro se deu somente após os resultados do primeiro turno (Oliveira; Martins, 2021), em 2022 a Folha Universal assume desde o início a posição favorável a Bolsonaro (Almendagna; Oliveira; Da Silva Leite, 2023). O jornal se esforçou em, principalmente, apresentar quais seriam os inimigos dos cristãos naquela eleição – estes inimigos, além de espirituais, eram os responsáveis por levar às instituições políticas brasileiras as principais leis que estavam contra a moral cristã e a própria liberdade de fé e de expressão dos evangélicos.

No ano de 2022, sete edições apresentaram reportagens cujos temas centrais eram gênero e sexualidade (Ed. 1559, 1564, 1575, 1578, 1579, 1590, 1592). Embora a “ideologia de gênero” ainda esteja presente, as questões centrais estavam relacionadas à esquerda. No quadro a seguir organizamos as informações das edições nas quais os temas de gênero e sexualidade foram pautados:



Quadro 2: As edições que abordaram os temas gênero e sexualidade no ano de 2022.

Edição	Data	Período	Seção	Título	Argumentação do jornal
1559	10/02/2022	Pré-eleitoral	Panorama (p. 10)	“Competição injusta”	Crítica a inclusão de pessoas trans, principalmente mulheres trans e atletas não-binários, no esporte.
1564	03/04/2022	Pré-eleitoral	Panorama (p. 10)	“As propostas da esquerda para a família”	Relaciona (e critica) as noções de gênero apresentadas pela comunidade LGBTQIAPN+ à esquerda e reforça a ideia de que a família está sob constante ataque.
1575	19/06/2022	Pré-eleitoral	Editorial (p. 03)	“O mercado tem ideologia?”	Crítica ao mercado publicitário que inclui LGBTQIAPN+ em propagandas, afirmando haver “manipulação da propaganda” que privilegia um grupo em detrimento de outro.
1578	10/07/2022	Pré-eleitoral	Editorial (p. 03)	“O alvo mais cobiçado pela esquerda”	Afirma que a esquerda é responsável por ameaçar as crianças e a instituição familiar com doutrinas esquerdistas, sobretudo a Ideologia de Gênero, o feminismo e o comunismo.
1579	17/07/2022	Pré-eleitoral	Panorama (p. 10)	“Esquerda e educação:”	Trata a infância como alvo ameaçado



				doutrinação ainda na infância”	pela esquerda e a Ideologia de Gênero.
1590	02/10/2022	1º turno	Editorial (p. 03)	“Nós vamos transexualizar o seu bebê”	Afirma que o objetivo da esquerda é impor suas ideologias nefastas goela abaixo, com foco para a questão LGBTQIAPN+.
1592	16/10/2022	2º turno	Panorama (p. 10)	“Identidade de Gênero: como o tema afeta o público infanto- juvenil”	Trata a transição de gênero como algo negativo e alerta sobre o perigo da Ideologia de Gênero na escola e para as crianças.

Fonte: Leite, D. H. S., Oliveira, F. R. C., Maia, B. N., p. 16-17, 2024.

Analisando a data em que as edições foram publicadas, nota-se que o tema foi abordado com maior frequência no período Pré-eleitoral, com cinco edições falando sobre gênero e sexualidade, enquanto o 1º e o 2º turno trataram do tema uma vez cada.

As edições 1564³¹, 1578³², 1579³³, 1590³⁴, 1592³⁵ possuem em comum a demonização da esquerda, realizada através de críticas ferozes ao que definem como plano político esquerdista e da declaração da esquerda como seus inimigos, demonstrando a impossibilidade de ser ao mesmo tempo cristão de esquerda, isto porque “a esquerda brasileira tenta desestabilizar a instituição criada por Deus e desenvolver um projeto diferente do original”³⁶ (Ed. 1564, p. 10).

Como mencionado, em 2022 a Folha Universal foi mais vocal em anunciar seus inimigos no campo político, isto é, a esquerda, o Partido dos Trabalhadores (PT) e Lula

³¹ Edição publicada em 03 de abril de 2022.

³² Edição publicada em 10 de julho de 2022.

³³ Edição publicada em 17 de julho de 2022.

³⁴ Edição publicada em 02 de outubro de 2022.

³⁵ Edição publicada em 16 de outubro de 2022.

³⁶ REDAÇÃO. As propostas da esquerda para a família. **Folha Universal**. São Paulo, 3 abr. 2022. Edição 1564, v. 1564, p. 10, abr. 2022. Disponível em: <https://www.calameo.com/books/000724797661bd60b9600>. Acesso em: 18 mar. 2024.



(Oliveira; Gracino Junior, 2023). Os inimigos dos cristãos seriam responsáveis por, através da ideologia de gênero, ameaçar os alvos, que seriam as crianças, a família e a liberdade de expressão.

Algo que chama a atenção em todo ano de 2022, e que corrobora para a construção discursiva iurdiana, é a forma como o próprio jornal foi diagramado. As escolhas das cores do plano de fundo (preto) e partes do texto que foram destacadas (vermelho) são importantes sinais do destaque que o jornal buscou trazer para esta matéria, que teve entre seus principais argumentos a defesa da família e das crianças, assim como as críticas à esquerda e a ideologia de gênero.

A seguir, o Panorama da edição 1564, em que há um destaque para a palavra “esquerda”, e exemplifica as escolhas gráficas do jornal.

Imagem1: Panorama da edição 1564 intitulado “As propostas da esquerda para a família”.



Fonte: REDAÇÃO, Folha Universal, Edição 1564, p. 10, 2022.

Nesta edição, o jornal apresenta quatro “propostas” da esquerda para a família, afirmando que ela possui um projeto específico de família que está relacionado a projetos de lei que visam (i) ampliar o conceito de família reconhecido pelo Estado, (ii)



implementar a Ideologia de Gênero nas escolas, (iii) regulamentar o plantio da maconha para uso medicinal e (iv) reduzir a burocracia para alteração do nome social de indivíduos transexuais nos documentos. Para o jornal, estes fatores seriam símbolos da tentativa da esquerda de “desestabilizar a instituição criada por Deus e desenvolver um projeto diferente do original” (Ed. 1564, p. 10).

Da mesma forma, em uma das edições mais emblemáticas do ano de 2022, a de número 1590³⁷, e em uma das datas mais significativas – 02 de outubro, dia em que ocorreu o primeiro turno das eleições –, o editorial do jornal trazia o editorial “Nós vamos transexualizar seu bebê”. O título do editorial faz referência a uma arte que estava sendo exposta em Belo Horizonte, porém, para o jornal, a obra era um alerta para os pais, especialmente naquele dia, pois era a tradução do “ódio do bem” e representava claramente os ideais e objetivos que a esquerda defendia. Segundo o jornal, se a esquerda obtivesse autoridade necessária para “impor suas ideologias goela abaixo”³⁸ (Ed. 1590, p. 03), “nenhuma intervenção será suficiente para impedi-los” (Ed. 1590, p. 03).

No final do texto, o jornal alerta que aquele era um dia importante para combater esses ideais, aconselhando aos fiéis que dessem “um voto consciente e alinhado a bons princípios e valores éticos” (Ed. 1590, p. 03), isto porque os homens e mulheres que fossem eleitos naquele dia seriam os “guardiões da sociedade” (Ed. 1590, p. 03). Assim, e somente assim, eles seriam “capazes de impedir os ataques de ódio e as imposições ideológicas nefastas de qualquer natureza” (Ed. 1590, p. 03).

A seguir, recorte do editorial da edição 1590, que traz uma montagem de um bebê “demoníaco” com o símbolo comumente identificado como o símbolo para a transgeneridade/transsexualidade na testa.

³⁷ Edição publicada em 02 de outubro de 2022.

³⁸ REDAÇÃO. Nós vamos transexualizar o seu bebê. **Folha Universal**. São Paulo, 2 out. 2022. Edição 1590, v. 1590, p. 03, out. 2022. Disponível em: <https://www.calameo.com/books/00072479727d841fc1b92>. Acesso em: 18 mar. 2024.

Imagem 2: Editorial da edição 1590 intitulado “Nós vamos transexualizar o seu bebê”.

FOLHA UNIVERSAL - DOMINGO, 2 DE OUTUBRO DE 2022

OPINIÃO 3

I PONTO DE VISTA I

“NÓS VAMOS TRANSEXUALIZAR O SEU BEBÊ”

A frase acima lhe parece estranha? Desta vez, ela não saiu das entrelinhas de discursos de “ódio do bem” que temos alertado há tempos, mas foi uma ameaça explícita em cartazes que compuseram uma exposição no Centro de Referência das Juventudes, espaço da Prefeitura de Belo Horizonte, em Minas Gerais. O local recebe cerca de dez mil jovens todos os meses, que se depararam com ilustrações e frases ofensivas, impondo um nítido viés ideológico.

A tal obra Nós vamos transexualizar seu bebê ainda trazia mais um aviso: “e não há nada que você possa fazer”, além da frase “Deus está morto”. Também continha desenhos com feições demoníacas, dizeres em linguagem neutra (a exemplo de “menine”), entre outras aberrações. Quando o teor da exposição se tornou público,



pêndio, com base no artigo 208 do Código Penal, por desprezar e ridicularizar símbolos religiosos e só foi encerrada depois de denúncias de parlamentares sensatos.

O fim das exposições não despertou os organizadores para o dever de respeitar e de não violar os direitos humanos, tampouco de não cometer um crime. Inacreditavelmente, eles alegaram que estavam sendo vítimas de censura e intolerância, o que prova que, apesar do discurso de “ódio do bem” ter sido silenciado, não significa uma desistência da investida deles, porque isso está no âmago dos que defendem tais aberrações.

Aliás, o “ódio do bem”, manifestação muito comum da esquerda brasileira, é o subterfúgio encontrado para exacerbar apenas ódio, mesmo que teimem em disfarçar que seja em nome de um suposto bem. Se não bastasse

I COMENTÁRIOS I

A VERDADEIRA BELEZA

Geralmente, não damos valor ao que é acessível a todos. A santidade é bela pelo que se cultiva e quem a tem torna-se diferente e admirável.

@renatasantossilva, pelo Facebook, sobre a matéria “Uma beleza a que todas nós temos acesso”, da edição 1.588

BRASIL ABENÇOADO

Que Deus abençoe o nosso Brasil e também os nossos governantes.

@feesp.erancaamor, pelo Instagram, sobre a matéria “Um grito por respeito”, da edição 1.588

CIRA OIIFVFM

usar a Fé inteligente, até aquilo que parecia ser impossível torna-se possível.

@joselito.dossantossilva94, pelo Instagram, sobre a matéria “O caso era de morte, mas ela apelou para o Deus Vivo”, da edição 1.588

ELOGIO À FOLHA UNIVERSAL

Excelente edição! Parabéns à equipe da Folha Universal.

@angelamariagraboskiabreu, pelo Facebook, sobre a edição 1.588

OS “GIGANTES”

Eu creio no poder da Fé, pois ela é capaz de derrubar qualquer gigante!

@marileneanparo, pelo

Fonte: REDAÇÃO, Folha Universal, Edição 1590, p. 3, 2022.

Compreendendo a mídia como importante ferramenta pedagógica (FISCHER, 2002), torna-se necessário analisar a relação entre o discurso e o poder. Segundo Van Dijk (2020), um discurso manipulativo pode ser realizado por meio de sentidos amplos e englobar, além de características verbais, características não verbais – por exemplo, no caso de um jornal, as imagens e o *layout* apresentados em um texto.

Van Dijk (2020, p. 251), além disso, define o importante conceito de manipulação como “uma prática social de abuso de poder, envolvendo grupos dominantes e dominados, ou instituições e seus clientes”, cujo sentido manipulador (e, conseqüentemente, a relação com o poder) depende, necessariamente, “dos modelos de contexto dos seus receptores – incluindo seus modelos falantes ou escritores e os objetivos e intenções a eles atribuídos”. Isto significa, pois, que a análise de discurso ocorre primeiramente na análise contextual dos próprios falantes, antes de uma análise propriamente textual e linguística:

O discurso manipulador ocorre tipicamente na comunicação pública controlada pela elite política, burocrática, jornalística,



acadêmica e empresarial dominante. Isso significa que outras restrições contextuais prevalecem, em particular sobre os participantes, seus papéis, suas relações e suas típicas ações e cognições (conhecimento, objetivos). *Em outras palavras, o discurso é definido para ser, antes de tudo, manipulador, em termos de modelos de contexto dos participantes.* (Van Dijk, p. 251-252, destaque original do texto)

Van Dijk (2020) também contribui para a compreensão da disputa entre “nós” e “eles” – ou então, nos termos do autor, para compreender a maneira como os jornais tratam a questão da *auto apresentação positiva* e da *outra-apresentação negativa*. Para ele, as manchetes “são tipicamente usadas para expressar tópicos e para indicar a informação mais importante de um texto, e podem, assim, ser usadas para atribuir um peso (extra) a eventos que em si mesmo não seriam tão importantes” (Van Dijk, 2020, p. 252), de modo que *nostros* “bons atos” e os “maus atos” do *outro transformam-se* em estratégias do discurso.

A principal mudança percebida entre os anos analisados foi o fato de que em 2022 a Igreja Universal esteve em total consonância com o discurso de Bolsonaro e passou a relacionar completamente a Ideologia de Gênero e as pautas feministas e LGBTQIAPN+ ao Partido dos Trabalhadores (PT) e à esquerda, trabalhando em prol de um pânico moral tão potente que pode ser compreendido enquanto um pânico sexual (Biroli; Vaggione; Machado, 2020) extremamente acentuado. Não somente isso, mas diferente do que ocorreu em 2018, direciona também críticas aos próprios indivíduos³⁹ (como ocorre na Ed. 1559, através da crítica aos atletas transexuais) e também a própria transição de gênero⁴⁰ (no caso, trata-se da Ed. 1592, em que o jornal trata de maneira pejorativa o procedimento). A importância do voto alinhado aos princípios cristãos também foi tema presente nas edições.

³⁹ REDAÇÃO. Competição injusta. **Folha Universal**. São Paulo, 27 fev. 2022. Edição 1559, v. 1559, p. 10, fev. 2022. Disponível em: <https://www.calameo.com/books/0007247973fdcf564a219>. Acesso em: 18 mar. 2024.

⁴⁰ Segundo Mariano (2014: 193), no que tange às matizes neopentecostais, todas tratam a homossexualidade e a transexualidade “como doença, algo para ser curado pelo Espírito Santo, ou pela terapia” sendo “daí a insistência, um tanto exagerada, com que exibem testemunhos de gays e travestis convertidos, muitos deles, apesar de esforços para se enquadrarem no estereótipo do ‘macho’ latino, ainda dotados de velhos trejeitos”.



Considerações finais

As eleições de 2018 e 2022 revelaram tanto a polarização entre direita e esquerda, bem como o fenômeno de moralização da política. Os evangélicos, embora sempre atuantes politicamente, demonstraram um protagonismo quase inédito porque foram responsáveis por pautar os principais debates, como por exemplo gênero e sexualidade, transformados em nova clivagem da política eleitoral.

A contribuição iurdiana foi especialmente significativa tendo em vista sua atuação midiática. O jornal Folha Universal colocou em debate a “ideologia de gênero” e criou um discurso de demonização da esquerda, colocando as questões de gênero como o principal risco à infância, à família e à educação brasileira.

Notamos que em 2018 o jornal trabalhou em prol de construir o conhecimento sobre o que é a “ideologia de gênero”, constantemente explicando o tema e porque tratava-se de algo perigoso, para posteriormente apresentar a crítica e argumentação.

Já em 2022, a Folha Universal trata o mesmo assunto de forma mais natural, assumindo que os leitores já sabiam sobre aquilo, e passa a fazer críticas às temáticas feministas e à comunidade LGBTQIAPN+, ao mesmo que os relaciona ao seu principal inimigo naquelas eleições – a esquerda –, o qual constantemente demoniza.

O pânico moral foi uma das principais estratégias discursivas apresentadas nas edições, fato que colocou não somente a esquerda como inimiga, mas também as formas políticas que buscavam promover igualdade de gênero e conquista de direitos e inclusão para a comunidade LGBTQIAPN+.

Embora, em 2018, o jornal tenha argumentado diversas vezes a favor da necessidade de votar em candidatos que estivessem alinhados com o pensamento cristão, em 2022 a Folha Universal anunciou com mais clareza seus inimigos políticos: a esquerda, o Partido dos Trabalhadores (PT) e Lula. Estes atores seriam os principais responsáveis, segundo a lógica da igreja, por ameaçar as crianças, a família e a liberdade de expressão através da implementação da ideologia de gênero.

Nota-se que a forma como se posicionou esteve em constante consonância com as opiniões de Jair Bolsonaro em relação a estes assuntos. O jornal mostrou que era necessário não apenas conscientizar sobre o tema, mas agir em favor daquilo que defende a moral cristã – porém, com ênfase de que isso seria possível através das eleições e do voto em candidatos corretos.



Referências

ALMENDAGNA, Isadora; COSTA OLIVEIRA, Fabrício Roberto; DA SILVA LEITE, Deivit Henrique. O Comunismo, a Esquerda e a Família na Folha Universal no ano eleitoral de 2022. **Sacrilegens**, [S. l.], v. 20, n. 1, 2023. DOI: 10.34019/2237-6151.2023.v20.40767. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/40767>. Acesso em: 9 jul. 2024.

BALIEIRO, F. de F. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 53, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8653414>. Acesso em: 17 ago. 2022.

BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. Boitempo Editorial, 2020.

BURITY, J. A. Religião, política e cultura. **Tempo Social**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 83-113, 2008. DOI: 10.1590/S0103-20702008000200005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12580>. Acesso em: 26 jun. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CARRANZA, Brenda. Linguagem midiática e religião. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, v. 1, p. 539-555, 2013.

DE SOUZA, Sandra Duarte. “Não à ideologia de gênero!” A produção religiosa da violência de gênero na política brasileira. **Estudos de religião**, v. 28, n. 2, pág. 188-204, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342496>. Acesso em: 30 jun. 2024.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e pesquisa**, v. 28, p. 151-162, 2002.

FRANCO, T. A Eleição entre o bem e o mal: uma análise comparada dos discursos da Igreja Universal do Reino de Deus e de Jair Bolsonaro sobre a moralidade pública nas eleições de 2018. **Sacrilegens**, [S. l.], v. 19, n. 1, 2022. DOI: 10.34019/2237-6151.2022.v19.37777. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/37777>. Acesso em: 23 fev. 2023.

LOPES, Mariana Manzano; DE NADAI FULANETI, Oriana. Interseção entre as Isotopias Política e Religiosa Cristã nos comentários de apoio ao Presidente Jair Bolsonaro. **Casa: Cadernos de Semiótica Aplicada**, 2022.

MACHADO, Carla. Pânico moral: para uma revisão do conceito. **Interações: Sociedade e as novas modernidades**, n. 7, 2004.



MACHADO, Maria das Dores Campos. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, p. e47463, 2018.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu. Apoio evangélico a Bolsonaro: antipetismo e sacralização da direita. *In: Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Organização de José Luis Pérez Guadalupe e Brenda Carranza. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. São Paulo: Editora Paulus, 2017.

MIGUEL, Luis Felipe. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira. **Cadernos Pagu**, 2021, n. 62. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202100620016>. Acesso em: 16 ago. 2022.

MIGUEL, Luis Felipe; OLIVEIRA, Michel. Pânico Moral e Ódio à Diferença: a estratégia discursiva do “Escola Sem Partido”. **Revista Sul-Americana de Ciência Política**, v. 6, n. 2, p. 261-278, 2020.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, p. 725-748, 2017.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o Político**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

NATIVIDADE, Marcelo; DE OLIVEIRA, Leandro. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia (s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana**, n. 2, p. 121-161, 2009.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa; GRACINO, Paulo. A máquina universal: uma análise da mobilização do discurso moral na Folha Universal nas eleições de 2022. **Religião & Sociedade**, v. 43, n. 1, p. 99-124, 2023.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa. MARTINS, Caio César Nogueira. O discurso eleitoral da Igreja Universal do Reino de Deus e a ascensão de Bolsonaro. **Plural**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 237-258, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/176735>. Acesso em: 9 jul. 2024.

REDAÇÃO. A ditadura da ideologia de gênero. **Folha Universal**. São Paulo, 06 set. 2018. Edição 1379, v. 1379, p. 03, set. 2018. Disponível em: <https://www.calameo.com/books/000724797cf0500b1de3a>. Acesso em: 18 mar. 2024.

REDAÇÃO. As propostas da esquerda para a família. **Folha Universal**. São Paulo, 3 abr. 2022. Edição 1564, v. 1564, p. 10, abr. 2022. Disponível em: <https://www.calameo.com/books/000724797661bd60b9600>. Acesso em: 18 mar. 2024.



REDAÇÃO. Competição injusta. **Folha Universal**. São Paulo, 27 fev. 2022. Edição 1559, v. 1559, p. 10, fev. 2022. Disponível em: <https://www.calameo.com/books/0007247973fdcf564a219>. Acesso em: 18 mar. 2024.

REDAÇÃO. Não basta ter liberdade de culto, é preciso expressar a fé sem impedimentos. **Folha Universal**. São Paulo, 17 jun. 2018. Edição 1366. v. 1366, p. 03, jun. 2018. Disponível em: <https://www.calameo.com/books/0007247970c4811c5dc43>. Acesso em: 18 mar. 2024.

REDAÇÃO. Nós vamos transexualizar o seu bebê. **Folha Universal**. São Paulo, 2 out. 2022. Edição 1590, v. 1590, p. 03, out. 2022. Disponível em: <https://www.calameo.com/books/00072479727d841fc1b92>. Acesso em: 18 mar. 2024.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

ROCHA, Maria da Penha Nunes. As estratégias de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus. **Rio de Janeiro**, 2006.

SANTOS, Rayani Mariano. A mobilização de questões de gênero e sexualidade e o fortalecimento da direita no Brasil. *Agenda Política*, v. 8, n. 1, p. 50-77, 2020.

SINGER, André. **O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)**. Editora Companhia das Letras, 2018.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. A mulher universal. **Corpo, gênero e pedagogia da prosperidade**. Rio de Janeiro. Mar de ideias–Navegação Cultural, 2016.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2020.